



Bolsonaro dos Andes

PERU O milionário Rafael López Aliaga cresce nas pesquisas presidenciais impulsionado por um discurso ultradireitista

POR MURILO MATIAS

Até para os padrões do Peru, país acostumado a eleger reacionários e aventureiros, o milionário Rafael López Aliaga parece um candidato fora do lugar. Católico fervoroso ligado ao Opus Dei, aliado dos militares, com discurso anticomunista e dinheiro de sobra na campanha, o empresário está em segundo lugar nas pesquisas, em empate técnico com a candidata progressista, Verónica Mendoza, e tenta surfar em uma onda que consolide sua posição ao fim do primeiro turno, marcado para domingo 11. Constantemente comparado a Jair Bolsonaro, Aliaga é visto com desconfiança mesmo entre os peruanos mais conservadores. “Apresentamos um modelo com características especiais. Não posso compará-lo (*a Bolsonaro*)”, afirma o almirante Jorge Montoya, candidato a vice na chapa e fã do ex-capitão, apesar do descontrolo da pandemia, da crise econômica, do isolamento internacional do Brasil e dos vexames diários. “Está caminhando bem, assim como está bem sua luta contra a esquerda.”

A exemplo de Bolsonaro, Aliaga desdenha da ciência, burla as regras de isolamento social e minimiza os efeitos da pandemia, que matou mais de 50 mil peruanos em um ano. Também hostiliza a China (rechaça a CoronaVac, imunizante chinês) e se oferece aos Estados Unidos (aos eleitores promete obter doações de vacinas do

governo Joe Biden, sabe-se lá como). Típico empresário latino-americano, Aliaga amealhou sua fortuna com a privatização de uma concessão pública, os trens de Machu Picchu, e enfrenta processos por sonegação de impostos. Seu império vai de hotéis de luxo a transporte de minerais. “Grupos de direitos humanos e progressistas buscam informar a população sobre os perigos desse fundamentalismo. O interessante é ver muitos segmentos tradicionais alarmados por não concordarem com a maneira de fazer política de Aliaga”, avalia a estudante Diana Grados.

Adepto do celibato e da autoflagelação, o empresário ataca a mídia e os críticos e insufla o discurso de ódio e o negacionismo dos apoiadores. Em entrevista, chamou de assassina uma jornalista favorável ao aborto em casos de estupro. Em outra, sugeriu a Ana Estrada, primeira peruana a conquistar o direito à eutanásia em razão de uma doença crônica, a atirar-se de um prédio se quisesse morrer.

Católico do Opus Dei, negacionista, apoiado por militares. Quem não viu esse filme?

Aliaga copia Bolsonaro nos detalhes: fuge de debates com os concorrentes, é acusado de se valer de candidaturas laranja para encobrir os gastos de campanha e defender ideias esdrúxulas, entre elas transferir a capital de Lima para Junín, palco da independência do país. Embora acusado de sonegação, abraça o discurso da anticorrupção. Há aderência. Nenhum outro país sul-americano sentiu tanto quanto o Peru os efeitos colaterais da Operação Lava Jato. Cinco ex-presidentes da República acabaram acusados, de uma forma ou de outra, de receber propina da construtora Odebrecht, que mantinha contratos bilionários com o setor público. Um deles, Alan García, cometeu suicídio em abril de 2019 antes de ser preso. “Aliaga declarou guerra à Odebrecht. Fala o que os eleitores querem escutar para atrair o voto de quem está cansado da roubalheira”, afirma o advogado Ronald Contreras.

A realização do segundo turno é a única certeza da eleição até o momento. Nenhum dos 18 candidatos se descolou nas pesquisas, a ponto de sonhar com a vitória no dia 11. “Há muita desconfiança. As quarentenas de mentira maltratam a população, 80% trabalham no mercado informal e precisaram sair para poder comer sem o apoio dos políticos, muitos dos quais aproveitaram seus cargos para ser vacinados. Os peruanos não sabem em quem votar”, diz o instrutor de artes marciais Davi Pabón.





TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 46

Luiz Gonzaga Belluzzo.

Joe Biden reaviva as ideias
de Franklin D. Roosevelt



Cabeça a cabeça. Aliaga combate o isolamento social e a máscara. Lescano se apresenta como centrista, enquanto Verónica Mendoza representa a esquerda

exige uma Constituição escrita por professores, enfermeiros, campesinos e informais”, prega Isabel Cortez, funcionária da limpeza municipal de Lima e concorrente ao Congresso pelo Juntos pelo Peru, frente encabeçada por Mendoza. “As leis atuais foram feitas por um ditador, é hora de mudança”, afirma, em referência ao ex-presidente Alberto Fujimori.

O fujimorismo, aliás, não está morto. Keiko Fujimori, filha e herdeira política de Alberto, voltou ao páreo. Em 2016, ela perdeu a Presidência por pouco, mas a situação não é a mesma. Presa por lavagem de dinheiro na esteira dos escândalos de corrupção, a presidenciável tem um alto índice de rejeição. O ex-goleiro da seleção George Forsyth busca o eleitorado jovem e critica a “mesmocracia”, conforme define os adversários, ao contrário do veterano economista Hernando de Soto, de 79 anos, que enfatiza a experiência profissional e de vida. Segundo a última pesquisa do Instituto de Estudos Peruanos, é impossível dizer quem passará ao segundo turno. Lescano tem pouco mais de 11%, enquanto Aliaga e Mendoza disputam milímetro a milímetro o segundo lugar (9,7% a 9,6%). Em seguida, com grandes chances, na margem de erro, vêm De Soto (8,5%), Forsyth (8,2%) e Keiko (7,9%). Afastado por *impeachment* no ano passado, Martin Vizcarra tentará uma vaga no Parlamento.

No ano do seu bicentenário, o Peru vai às urnas completamente descrente, dividido e afundado em uma crise política, social e moral sem precedentes e sem perspectiva. Esse tipo de desespero, mostram as experiências antigas e recentes, são adubo para *outsiders* como Aliaga. •



Quem lidera as pesquisas a menos de duas semanas do primeiro turno é o ex-deputado Yonhy Lescano, da Ação Popular, partido centrista de longa tradição. “Temos muita força no sul. Nosso candidato é de Puno, isso gera uma identificação regional, incluindo o apoio de comunidades nativas e indígenas que reivindicam seus direitos. Nossa caminhada está ligada à doutrina inca ‘Ama Kella, Ama Sua, Ama Llulla’. Não sejas ocioso, não sejas ladrão, não mintas”, resume Jheidy Palacios, candidata ao Legislativo.

À esquerda, Mendoza tenta tornar-se a primeira mulher a assumir a Presidência da República. A candidata defende uma nova Constituição e promete transformar saúde e educação em um direito universal, ampliar o acesso à internet e nacionalizar os recursos naturais. A volta por cima de Evo Morales e do MAS na Bolívia, após o golpe de 2019, a inspiram. “Durante décadas, presidentes, ministros, parlamentares, donos de monopólios, fizeram leis de acordo com seus interesses. Precisamos eleger trabalhadores para avançarmos com mudanças profundas, e isso

REDES SOCIAIS E ALBERTO SALGADO/GETTY IMAGES/AFP

